

DESLIGUEM SUAS CÂMERAS, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR!

Olívia Camboim Romano¹
Laenisson dos Santos²

Resumo

Este artigo, resultado do projeto de pesquisa *O teatro e a peste: uma investigação sobre as criações teatrais durante a pandemia da Covid-19* (PIBIC 2021/2022) e em sinergia com parte das investigações de pós-doutorado, em andamento, *O teatro latino-americano e a peste: uma investigação sobre as criações teatrais durante a pandemia da Covid-19*, apresenta algumas estratégias de criação teatral digital adotadas por grupos e artistas nordestinos durante a quarentena pandêmica. O estudo foi efetuado a partir de consultas nas redes sociais e em plataformas de compartilhamento de vídeos, além de leituras de artigos eletrônicos, bem como apreciação de obras e leituras dramáticas disponibilizadas na internet (ao vivo ou gravadas). Durante a quarentena, não pela tentativa de substituir o encontro presencial pelo virtual, mas na luta pela sobrevivência e pela necessidade intrínseca de criação, de forma rápida e eficiente, os artistas com seus conhecimentos teatrais encontraram uma saída diante do caos sanitário e político brasileiro atual e, com o teatro digital, alcançaram os espectadores, entraram em suas casas, e esse é um caminho irreversível.

Palavras-chave: Obras pandêmicas. Teatro nordestino. Teatro digital.

TURN OFF YOUR CAMERA, THE SHOW WILL BEGIN!

Abstract

This article is the result of the research project *O teatro e a peste: uma investigação sobre as criações teatrais durante a pandemia da Covid-19* (PIBIC 2021/2022) and in synergy with part of the ongoing postdoctoral investigations, *O teatro latino-americano e a peste: uma investigação sobre as criações teatrais durante a pandemia da Covid-19*, presents some digital theatrical creation strategies adopted by Northeastern groups and artists during the pandemic quarantine. The study was carried out from consultations on social networks and video sharing platforms, as well as readings of electronic articles, as well as appreciation of works and dramatic readings made available on the internet (live or recorded). During the quarantine, not because of the attempt to replace the face-to-face meeting with the virtual one, but in the fight for survival and the intrinsic need for creation, quickly and efficiently, artists with their theatrical knowledge found a way out in the face of the current Brazilian sanitary and political chaos. They reached the spectators, with the digital theater, and they entered their homes, and this is an irreversible path.

Keywords: Pandemic works. Northeastern theater. Digital theater.

1 INTRODUÇÃO

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-0877-1873>>. E-mail: camboim.olivia@gmail.com.

² Universidade Federal de Sergipe (UFS). Estudante da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe. ORCID <<http://orcid.org/0000-0003-2457-7990>>. E-mail: laenisson12@gmail.com.

Este artigo, resultado do projeto de pesquisa *O teatro e a peste: uma investigação sobre as criações teatrais durante a pandemia da Covid-19* (PIBIC 2021/2022)³ e em sinergia com parte das investigações de pós-doutorado, em andamento, *O teatro latino-americano e a peste: uma investigação sobre as criações teatrais durante a pandemia da Covid-19*⁴, visa apresentar algumas estratégias de criação teatral digital adotadas por grupos e artistas nordestinos durante a quarentena pandêmica.

O estudo foi efetuado a partir de consultas nas redes sociais, sobretudo, *Facebook* e *Instagram*, e em plataformas de compartilhamento de vídeos como *YouTube*, além de leituras de artigos eletrônicos, bem como apreciação de obras e leituras dramáticas disponibilizadas na internet (ao vivo ou gravadas); pois, consiste em uma pesquisa de observação e análise do teatro nordestino durante a pandemia da Covid-19.

O Nordeste⁵ ainda estava em clima de festa, ao som do *axé*, do frevo, do pagode *baiano* e de outros ritmos musicais que embalam o Carnaval, quando o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de coronavírus no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020. Como sabemos, menos de um mês depois, em meados de março de 2020, como medida de biossegurança para evitar a transmissão da Covid-19, os teatros, centros culturais e outros espaços e atividades consideradas não essenciais, que ocasionam aglomeração, fecharam suas cortinas a partir da execução de vários decretos, sobretudo municipais e estaduais.

De um dia para o outro, quem pode se trancou em casa, as ruas ficaram desertas e os teatros vazios. Inicialmente, achávamos que isso se resolveria em poucos dias; mas os dias se transformaram em semanas e as semanas em meses, sem previsão das datas de reabertura dos espaços artísticos.

Desde 2020, muitos artistas morreram em decorrência de complicações da Covid-19, dentre eles: Fernando Neves (194?-2020) - ator paraense radicado em Salvador, Luiz Pazzini (1953-2020) - diretor e professor paulista radicado em São Luís, Wellington Rodrigues (1975-2020) - ator e dramaturgo cearense, Eliezer Rolim (1961-2022) – artista de teatro, cineasta e professor paraibano, entre tantos outros(as).

Os trabalhadores e as trabalhadoras da cultura, artistas, produtores, técnicos etc., especialmente, os autônomos, foram extremamente prejudicados e sufocados, inclusive, pela

³ Desenvolvido no Departamento de Teatro (DTE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), entre 01/09/2021 e 19/01/2022.

⁴ Realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), sob a supervisão da Prof.^a Dra. Celida S. Mendonça.

⁵ Convencionalmente, os Estados que integram a região Nordeste são: Alagoas (AL), Bahia (BA), Ceará (CE), Maranhão (MA), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Piauí (PI), Rio Grande do Norte (RN) e Sergipe (SE).

crise econômica provocada pelas medidas de distanciamento social na pandemia. O apoio governamental, além de liberar recursos incipientes de “auxílio emergencial”, tardou para chegar e a Lei Aldir Blanc começou a sair do papel apenas no final de agosto de 2020, com recursos liberados atrelados a um “retorno social”. Nas palavras do ator e dramaturgo Henrique Fontes, integrante do Grupo Carmin (RN),

Como sempre, estávamos nós por nós quando a crise se instaurou. Sem política pública decente criada a tempo de nos ajudar (exceção feita ao SESC Nacional que prontamente criou um programa para contratar grupos e artistas para, de forma experimental, criarem e transmitirem de suas casas obras de teatro e música, no projeto “Em Casa com SESC”), tivemos que conjugar esse famigerado verbo “re-inventar”, que pra mim sempre soou como “fazer uma coisa malamanhada, pra dar conta da realidade”. (2021)

2 JANELAS ABERTAS PARA RESPIRAR

Frente a uma pausa sem precedentes, os artistas de teatro foram obrigados a se reinventar e a saída veio justamente de um dos lugares vistos, muitas vezes, como um obstáculo para as artes presenciais: a internet! Conforme avalia Daniel Medeiros,

A capacidade de adaptação em momentos de adversidade, característica comum aos artistas cênicos, mais uma vez se fez presente. Se levar o público até os espaços tradicionais de apresentação não era mais possível, o jeito foi entrar nas casas dos espectadores. Isso só foi possível graças à tecnologia. [...] O distanciamento trouxe desafios não apenas no escoamento das produções, mas também no próprio ato criativo. (2020)

As práticas digitais se converteram em uma potente válvula de escape para os artistas e para os espectadores que abriram suas janelas e puderam respirar e ventilar uma infinidade de trabalhos em rede. Como nos lembram Olívia Camboim Romano e Marcelo Brazil, criadores dos vídeos teatrais *Amantes em confinamento* (2021) e *Apartamento* (2022),

Para driblar o confinamento, muitos artistas e companhias teatrais (locais, nacionais e internacionais), disponibilizaram leituras dramáticas e vídeos de suas peças de teatro, gravadas antes da pandemia e/ou produzidas durante a pandemia em casa e/ou em teatros vazios. (2021, p. 6)

Essas realizações artísticas, para além da busca dos artistas de teatro, no caso, de algum recurso financeiro para sua subsistência, se deram como uma estratégia de manutenção de vínculo com o seu público e, sobretudo, como uma necessidade vital de criação.

2.1 OS EVENTOS ON-LINE E ESPAÇOS DE DIFUSÃO

Identificamos, entre 2020 e 2021, especialmente, na época mais dura da interminável quarentena da pandemia da Covid-19, na região Nordeste, a realização de vários eventos remotos com transmissões (gravadas e/ou ao vivo) de peças on-line, ciclo de palestras e entrevistas, oficinas e concursos de dramaturgia. Dentre esses eventos, destacam-se os festivais virtuais e os festejos na internet pelos aniversários dos coletivos artísticos, como, por exemplo: a virada cultural on-line do A Tua Lona (SE), como 24 ações em 24 horas de duração, a partir das 00h do dia 18 de maio de 2020, realizada em comemoração aos 10 anos do grupo aracajuano, com apoio do edital Reinvente-SE do Governo de Sergipe, através da Fundação de Cultura e Arte Aperipê – FUNCAP; e a série de *lives*, dentre outras ações, do Bando de Teatro Olodum (BA), importante grupo soteropolitano integrado por atores e atrizes afrodescendentes, em comemoração aos seus 30 anos de existência. Na programação de suas festividades, o Bando elaborou ainda *A Voz do Bando Cabaré da Raça*, em três episódios curtos, baseado no *Cabaré da Rrrrraça* – longo espetáculo, estreado em 1997, que discute o racismo no Brasil.

As *lives*, entrevistas, bate-papos, leituras dramáticas, aulas, cursos e oficinas on-line foram algumas das estratégias pandêmicas adotadas por diversos grupos nordestinos e geraram uma quantidade impressionante de documentos audiovisuais, um verdadeiro banquete para os investigadores teatrais e espectadores pertinazes.

No período estudado, dentre inúmeros eventos virtuais destinados à arrecadação de fundos para os artistas de teatro e divulgação de trabalhos, como 1º Festival Palco na Rede (PB) – em 2021, destaca-se o *Cenas do Nordeste* (RN) - produzido pela Ardume Produções Artísticas, uma mostra de teatro, dança e performance, criada durante a pandemia que contemplou a participação dos nove estados da região. A primeira edição aconteceu, sem patrocínios, de 17 a 24 de julho de 2020, via *Zoom*, e pudemos acessar, com baixo custo, filmagens dos espetáculos participantes da mostra que estrearam antes de 2020 e, em seguida, participar de debates com os artistas. Assim, assistimos novamente a obras que já tínhamos visto presencialmente, como, por exemplo, *Piedade, a seu dispô* - da Dicuri Produções, peça sergipana que abriu a primeira edição virtual da mostra, com a renomada atriz Isabel Santos e dramaturgia de Euler Lopes, sob direção de Rita Maia; e também tivemos a oportunidade ver obras que não conseguimos ver, anteriormente, de forma presencial, como *Respire – Manifesta* – do grupo sergipano Caixa Cênica, com *Audevan Caiçara*, Diane Velôso e Jonathan Rodrigues; além da oportunidade de conhecer trabalhos de outros estados, como o infantil

potiguar *Sal, Menino Mar*, do Grupo de Teatro Facetas, Mutretas e Outras Histórias, dentre outros. Na segunda edição, de 02 a 10 de abril de 2020, realizado desta vez com recursos da Lei Aldir Blanc Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Secretaria Especial de Cultura, Ministério do Turismo e Governo Federal, pudemos conferir gratuitamente, a gravação de várias obras, dentre elas *Pele Negra, Máscaras Brancas* - da Cia. de Teatro da UFBA (BA), *Os Cavaleiros da Triste Figura* - do Grupo Boca de Cena (SE), entre outras.

Segundo as palavras do crítico e diretor de *teatro* Daniel Guerra, em seu ensaio sobre a segunda edição do *Cenas do Nordeste*, intitulado *Só vale a pena o que pode dar errado* (2021),

Se uma peça do dito teatro virtual é na verdade um *teatro gravado*, ou seja, se ela não foi pensada para ser um *produto audiovisual* autônomo, então ela é um *documento de arquivo de teatro* e sua fruição terá esse dispositivo como seu *primeiro discurso*, ficando estabelecido, logicamente, que todo teatro virtual é, antes de tudo a) um produto audiovisual e b) um documento de arquivo de teatro; assim sendo, o que o *Cenas do Nordeste* apresenta para o espectador disposto a tal experiência é um mosaico fenomenal de documentos de arquivos da cena nordestina (*sic*), pois a maioria dos espetáculos são teatro ou dança gravados (alguns são produtos audiovisuais), cabendo ao espectador potencial possuir a *curiosidade* do historiador, do pesquisador em geral, do detetive (e dos fofoqueiros, por que não) etc.

É impossível falar do teatro nordestino durante a pandemia sem mencionar o projeto *Cena agora – Encruzilhada Nordeste(s): (contra)narrativas poéticas*, promovido pelo Palco Virtual de Teatro do Itaú Cultural, que em maio de 2021 exibiu gratuitamente oito cenas de até 15 minutos que trataram sobre a pluralidade das identidades nordestinas, seguidas de um bate-papo, via *Zoom*, com os(as) artistas. Como parte desta programação pudemos conferir trabalhos instigantes e provocativos como, por exemplo, o mini doc. *Veja só...*⁶, do grupo recifense Magiluth (PE), sob direção de Thiago Lira, e *Retalhos Mouriscos*, gravado em casa, da performer sergipana Maicyra Leão, atualmente residente em Berlim (Alemanha) que, juntamente com seu filho (Kayan) e seu companheiro, o violinista sírio Nouras Hanana, abordaram com muita ludicidade e toques árabes, a problemática da (i)migração, do refúgio, das memórias, das concepções de nordestinidade e da inequidade social.

Na esteira dos espaços de difusão, para exemplificar, destacamos o programa de episódios *Nós no batente*⁷ (com audiodescrição), produzido pelo Porto Dragão, que em agosto de 2022 estreará sua terceira temporada, no qual podemos conferir a labuta do fazer artístico,

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/3hAO1wpuiIM>. Acesso em: 19 maio 2022.

⁷ Conferir o canal do YouTube do Porto Dragão. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCGgo3fM4SRJx17LYtCULTng>. Acesso em: 18 maio 2022.

as crenças e as trajetórias de resistência de espaços culturais, coletivos e artistas de teatro e dança do Ceará, dentre eles: Cia Prisma de Artes, Pavilhão da Magnólia, Grupo Bagaceira de Teatro, Teatro Máquina, Coletivo Yabás, Grupo Ninho de Teatro, Nós de Teatro, Mangaio Cultural, entre outros, e a *AjuPlay*⁸ - plataforma de *streaming* vinculada à Fundação Cultural Cidade de Aracaju (Funcaju) – que abriga dezenas de trabalhos sergipanos, tais como *webséries*, shows e espetáculos teatrais. De acordo com Luciano dos Santos, presidente da Funcaju, mencionado na matéria *Prefeitura lança plataforma de streaming cultural "AjuPlay"*:

O AjuPlay é uma ideia revolucionária e inédita, porque não tenho conhecimento de nenhuma experiência semelhante em qualquer outra cidade brasileira. Vai cumprir uma função social na cultura, que é levar uma variedade enorme de conteúdos sergipanos de graça. Assim, além do consumo e da fruição de nossa melhor produção artística, vai também permitir a circulação desse material no mundo inteiro, gerando oportunidades de mercado para nossos artistas. (apud PMA, 2021).

2.2 ALGUMAS REFERÊNCIAS PANDÊMICAS

O grupo natalense Teatro Carmin (RN) é uma importante referência para pensar no teatro durante a pandemia; pois, nos brindou, por exemplo, com a obra *A frasqueira de Jacy*, versão on-line da peça de teatro documental *Jacy*⁹. Na obra on-line, assistimos à projeção do ator Henrique Fontes que, num jogo de cena virtual, contracena ao vivo com Quitéria Kelly, e ambos, desde suas casas interagem com documentos gravados. Além disso, pudemos assistir a uma gravação de altíssima qualidade da premiada *A Invenção do Nordeste*, uma desconstrução bem-humorada da imagem estereotipada do nordestino. Nessa versão virtual, pensada para o momento de distanciamento social, ao final, ao vermos um lance da plateia vazia, tomamos um golpe de nostalgia e desejo imenso de retomar o encontro presencial. Na comédia musical *Manual de Sobrevivência do Artista Brasileiro*, em formato audiovisual, nos divertimos e, como artistas, refletimos e lamentamos sobre nossos próprios perrengues com a performance dos atores Matheus Cardoso e Robson Medeiros. Nessa obra, elaborada durante a pandemia, os atores contracenam no palco de um teatro em que o cenário, ostensivamente, é construído a partir do efeito de *chroma key*; assim, no jogo virtual de sobreposições de imagens, vemos os personagens, por exemplo, nas nuvens, no deserto e no palco.

Sobre tudo isso “Ser ou não ser teatro”, Henrique Fontes aponta:

⁸ Conferir o site <https://ajuplay.com.br/>. Acesso em: 24 maio 2022.

⁹ Assistimos à peça, nos dias 16 e 17 de outubro de 2019, gratuitamente, no Teatro Atheneu em Aracaju - SE.

Não tivemos tempo para questionar a essência dessa arte milenar que se dá quando uma pessoa está de frente para outra e ali apresenta sua história, sua ideia, sua leitura do mundo. Não tivemos tempo porque estávamos fazendo exatamente esta arte, com o que tínhamos disponível e, olha, mesmo com toda limitação, percebi que alcançamos e tocamos muitas pessoas. (2021)

*Em busca de Judith*¹⁰, da atriz Jéssica Barbosa e do músico Pedro Sá Moraes, é uma peça filme imperdível. Esse solo documental com atuação impecável e ambientação marcante em um *set* de filmagem histórico – a antiga Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, onde ficou internado vários anos o artista sergipano Arthur Bispo do Rosário (1909-1989)-, entremeado de canções, parte da história real da família da atriz baiana Jéssica Barbosa, radicada na capital carioca, e traz à tona vários temas, como: a ancestralidade, a negritude, o silenciamento feminino, a opressão machista, a estrutura manicomial brasileira e a ideia de loucura.

Devemos considerar que a gravação dos trabalhos pandêmicos foi uma exigência de vários festivais e editais. Mas, em muitas situações aconteceu em decorrência das condições de trabalho precárias dos criadores, como, por exemplo, a quantidade e qualidade de equipamentos disponíveis em casa, os problemas de conexão com a internet residencial, o compartilhamento dos espaços com diferentes familiares em trabalho remoto (*home-office*), os ruídos e as demandas cotidianas domésticas e, inclusive, as responsabilidades maternas e paternas, uma vez que muitos artistas estavam confinados com seus filhos e filhas. Todos esses fatores, e outros, tornaram, para muitos(as), a realização ao vivo inviável.

Nas palavras de Fernando Yamamoto, do grupo Clowns de Shakespeare (RN), na matéria *Teatro, sujeito coletivo*:

O teatro online não tem a obrigação de ser sempre como o presencial, não vai substituí-lo. Eu passei muito tempo nessa discussão lá no começo da pandemia, e num primeiro momento eu o negava radicalmente, com muito medo de que aquilo acabasse acomodando o olhar do público, dos programadores. Isso agora não é teatro como a gente conhecia, mas também não é audiovisual como a gente conhece. Se fizermos uma análise muito estrita, vamos ver que não é nenhuma das duas coisas, mas uma linguagem que a gente ainda está desenvolvendo. Nosso grupo, por exemplo, só criou espetáculos ao vivo, e **houve alguns festivais em que não pudemos nos inscrever porque só aceitavam trabalhos gravados**. Então, aquela pedra fundamental do teatro – que diz que essa é uma arte efêmera –, até isso está caindo por terra. (2022, grifo nosso)

Considerados produtos audiovisuais ou teatro digital, ou teatro virtual, ou teatro on-line, o fato é que muitos artistas (profissionais e amadores), estudantes e professores de teatro e, inclusive, pessoas de outras áreas, transformaram suas casas em palco, suas mobílias em

¹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/AAyxgzzy9ug>. Acesso em: 23 maio 2022.

cenários, suas roupas em figurinos e as janelas de seus dispositivos eletrônicos em cortinas abertas para os seus públicos. Na pandemia, ocorreu uma proliferação de exercícios cênicos via *streaming* e uma espécie de democratização da atuação que autorizou qualquer pessoa interessada, com um celular nas mãos e conexão de internet, criar conteúdos digitais.

Os atores e as atrizes, mais do que nunca, compelidos pelo distanciamento ou isolamento social, assumiram, além da atuação, a operação da luz, do som e da câmera, como, por exemplo, em *Puro Teatro* (2021)¹¹ - com acessibilidade comunicacional em Libras pela VouSer, realizado pelo grupo pernambucano Teatro de Fronteira. Nesta obra, a partir do trabalho dos atores Rodrigo Cavalcanti e Rodrigo Dourado, nos deparamos com dois pontos de vista distintos sobre um mesmo texto literário.

Outro aspecto observado neste estudo foi que a pandemia, além de impulsionar novas estratégias de realização, também foi tema de muitas obras, como nos trabalhos universitários sergipanos *Amantes em confinamento*¹² (2021) e *Apartamento*¹³ (2022), vídeos teatrais resultantes de projetos de extensão, sob coordenação da professora e atriz Olívia Camboim e do professor e músico Marcelo Brazil, e *Eu bordado: experimento cênico virtual unipessoal*¹⁴ (2021), de Michel Fontes Santos, sob direção de Olívia Camboim. Em *Amantes em confinamento*, os criadores usaram a videochamada como recurso para os ensaios, para a captura das imagens e como poética; sendo que, os espectadores assumem o lugar de um *voyeur* que assiste a uma chamada privada de um casal de amantes virtuais durante a pandemia. Em *Apartamento*, os artistas exploraram a noção do confinamento domiciliar e do próprio apartamento como palco para tratar da história de uma mulher infectada pela Covid-19. Em *Eu bordado*, fruto de uma pesquisa teórico-prática, o estudante Michel explora a sala de sua própria casa para tratar da história de Tobias, um sergipano que, após perder a avó que o criou para a pandemia, regressa para a cidade de Tobias Barreto e, a partir de suas lembranças, retoma suas forças para seguir adiante com o legado do bordado local.

A obra *Onde você estava quando eu acordei? – Um atentado virtual* (2021), da Aversa Grupa, em parceria com a Pandêmica Coletivo, com atuação das atrizes Diane Veloso (em Aracaju - SE) e Giuliana Maria (em São Paulo), com dramaturgia de Sidnei Cruz e direção de Flávia Teixeira, foi um dos únicos trabalhos transmitido ao vivo que assistimos¹⁵, via *Zoom*. Nessa obra, que já anuncia na largada “Isso não é teatro!”, acompanhamos o manifesto, na voz

¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/tCkiOIIgPns>. Acesso em: 18 maio 2022.

¹² Disponível em: https://youtu.be/J_X-1gE7s5U. Acesso em: 02 junho 2022.

¹³ Disponível em: <https://youtu.be/a5Wm-qOZ72c>. Acesso em: 02 junho 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://youtu.be/Rt9tBxTA41Y>. Acesso em: 17 maio 2022.

¹⁵ Evento on-line, via *Zoom*, em 25 de abril de 2021.

das personagens Vera e Sara, em prol das mulheres. Em ritmo frenético e tom funesto, assistimos ao reencontro delas, após 15 anos, e a narrativa de seus desejos angustiantes de se livrarem dos entraves que as impedem de seguir adiante. Segundo a diretora,

O que será de nossas vidas, da forma como elaboramos nosso fazer artístico, nossas interações no futuro, não sabemos, mas a necessidade nos faz criar o que desconhecemos e lançá-lo na rede. Algo já mudou, o que propomos já não é teatro, mas se apoia nele, vislumbrando o desejo/sonho de que logo possamos habitá-lo novamente (TEIXEIRA apud PEDRO, 2021).

Apesar de *Onde você estava quando eu acordei?* ser transmitida ao vivo, nossas câmeras e *chats* só foram liberados no final da apresentação. Assim, o contato com e entre os espectadores aconteceu antes e após acontecimento, no bate-papo com as atrizes.

Durante a pandemia, foram raras as obras on-line, dentre as que tivemos a oportunidade de conferir, que permitiram que os espectadores permanecessem com suas câmeras ligadas. Os professores Romano e Brazil (2021) relataram que experimentaram esse tipo de interação com a plateia em um ensaio aberto de *Amantes em confinamento* e que sofreram uma espécie de invasão pornográfica. Aliás, nesse período, muitas reuniões virtuais foram atacadas por grupos misóginos e racistas. Assim, talvez, no intuito dos artistas se preservarem desse tipo de audiência agressiva e covarde, que se oculta por nomes falsos e câmeras desligadas, os verdadeiros espectadores desses acontecimentos cênicos digitais ao vivo tenham sido privados de se encontrarem virtualmente e compartilharem suas reações e não tiveram a oportunidade de se sentir menos isolados.

Contudo, a partir dos parâmetros expostos pelo professor e investigador espanhol Óscar Cornago, podemos dizer que os teatros virtuais ao vivo carregam as sementes da teatralidade, uma vez que essas obras só existem durante sua transmissão, isto é, dependem do olhar do outro; elas são efêmeras e, diferente das gravações, são irrepetíveis e inacabadas; além disso, abarcam a dimensão do disfarce, do pacto ficcional. Assim sendo, “[..] el espectador disfruta al ver de forma consciente el procedimiento de la representación, el juego del artificio y el desequilibrio de las identidades, el soy uno, pero represento otro, soy yo pero en realidad no lo soy.” (2005, p. 7)¹⁶.

¹⁶ “[..] o espectador disfruta ao ver de forma consciente o procedimento da representação, o jogo do artificio e o desequilíbrio das identidades, o sou eu, porém represento outro, sou eu, mas na realidade não sou eu” (2005, p. 7, tradução nossa)

Tudo que coube nessa VHS (2020), uma “experiência sensorial em confinamento” - do grupo recifense Magiluth¹⁷, criada na pandemia, foi uma proposta super ousada, em tempo real, em que os participantes presentes, com um *smartphone*, durante trinta minutos, de fato, interagiram. A história de dois amantes, em consonância com algumas formas de interação contemporâneas, sobretudo em tempos de distanciamento social, passou pelas plataformas de comunicação e entretenimento como *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *Spotify*, entre outras, onde os artistas (guias) e os espectadores, após uma espécie de pacto ficcional, transitaram simultaneamente por esses espaços virtuais e, realizaram, assim, um resgate de memórias fragmentadas, *fora de sequência*, de amor, de afeto, de rompimento, de morte e de esperança. Atualmente, a obra está acessível em formato de *podcast*, no projeto *Ficções Itaú Cultural 2022*, programa semanal de audiodramas¹⁸. Trabalhos artísticos como esse, com venda de ingressos e, nas palavras do ator Mario Sérgio Cabral - em entrevista para o canal Arte 1 (2021), “sem barreiras geográficas”, seguramente, apontam, do nosso ponto de vista, novos caminhos para as artes da cena e para a dramaturgia contemporânea.

Considerando que cada um está na sua casa, seja uma casa-palco ou casa-plateia, em uma reunião virtual o espaço não é partilhado e, de alguma maneira, o tempo também não é o mesmo, devido as diferenças de fuso horário. As sensações térmicas e os odores são distintos. Certamente, as relações entre artistas e espectadores on-line, em transmissões em tempo real, ainda não foram exploradas o bastante e, independente da retomada generalizada das atividades presenciais, a abertura que essas experiências digitais proporcionaram, apesar da ausência dos cheiros e dos ruídos dos espectadores estranhos sentados ao nosso redor na plateia escura, seguirá reverberando em nossos corpos e em nossas práticas teatrais em presença. Nas palavras provocativas de Desirée Pessoa,

O teatro que conhecemos até aqui acontece no encontro. Qual é o teatro que ainda não conhecemos e que pode ser compreendido como potência? É um teatro que não substituirá o da presença – ele é outra coisa. Mas não deve ser compreendido como paliativo, pois veio para ficar. (2020)

Cabe lembrar que o acontecimento teatral explorar possibilidades relacionais com a tecnologia não é novidade. Nas apresentações das tragédias na Grécia Antiga, por volta do século V a.C., por exemplo, maquinarias com tecnologia naval como a *Mechané*, uma espécie de grua, permitiam o surgimento de um *Deus ex machina* para solucionar os problemas e

¹⁷ O grupo foi fundado em Recife (PE), em 2004.

¹⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/46afe1stoiRQqxHwqqJNly>. Acesso em: 19 maio 2022.

finalizar a peça. O radioteatro, a partir dos anos de 1920, agitou a classe artística e seus ouvintes. O teleteatro brasileiro entrou nas casas dos telespectadores, em meados da década de 1950, nos primórdios da televisão, na antiga TV Tupi, e impulsionou o surgimento da teledramaturgia.

No caminho da retomada das atividades presenciais, vale citar o coletivo maranhense Grupo Xama Teatro (MA), existente desde 2008, que, em meados de 2020, com o projeto *Xama na Rota dos Rios da Amazônia*, proporcionado por um Edital do Banco da Amazônia, apesar do receio em causar aglomerações, mas com a expectativa de manter a chama do teatro acesa e seguir aquecendo o coração de seus espectadores, após cancelar apresentações previstas na Amazonia e em cidades em que os leitos para tratamento da *Covid-19* estavam esgotados, excursionou com *A Carroça é Nossa* e *As três Fiandeiras* por cidades do Pará onde julgaram que a pandemia estava mais controlada, como Belém. Em seu *blog*, o grupo afirma o seguinte:

Substituímos o trajeto que seria feito de avião por uma van alugada e fretada somente para o grupo, e mesmo nos barcos, onde havia fluxo de outras pessoas, permanecemos de máscaras em tempo integral e evitávamos a troca interpessoal com os outros tripulantes. Além disso, os espetáculos aconteceram para público limitadíssimo, respeitando o distanciamento social e com distribuição de máscaras e álcool gel. Também realizamos testes de COVID em todo o grupo na ida e na volta da circulação. (2021)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além do Xama (MA), citado acima, no final de 2020, outros coletivos retomaram, gradualmente, suas atividades presenciais, como o coletivo teresinense Grupo Harém de Teatro (PI), que, depois de algumas apresentações on-line, realizou no Piauí a estreia presencial da peça *Abrigo São Loucas II – A Quarentena*. Contudo, apesar do retorno das atividades teatrais e embora nada substitua a presença e o encontro entre artistas e espectadores no mesmo espaço e tempo, acreditamos que o formato digital seguirá sendo explorado e a tendência parece ser o estabelecimento de uma nova linguagem híbrida e/ou on-line.

Durante a quarentena, não pela tentativa de substituir o encontro presencial pelo virtual, mas na luta pela sobrevivência e pela necessidade intrínseca de criação, de forma rápida e eficiente, os artistas de teatro, extremamente resistentes e resilientes, com seus conhecimentos adquiridos na labuta diária, nos ensaios, nos treinamentos, no palco, nos espaços alternativos, nas gambiarras, no jogo teatral, nas improvisações e na capacidade de dizer mais sim do que não, encontraram uma saída diante do caos sanitário e político brasileiro atual e, com o teatro on-line, alcançaram espectadores próximos e também distantes, entraram em suas casas, e esse

é um caminho irreversível. Essa modalidade, evidentemente, não é o teatro ou o audiovisual como conhecíamos até então, pois seu nome abarca binômios: teatro on-line, teatro virtual, teatro digital etc. e o futuro nos pertence, o teatro segue vivo e sem barreiras intransponíveis.

REFERÊNCIAS

CANAL Arte 1. TUDO QUE COUBE NUMA VHS - MAGILUTH | ARTE1 EM MOVIMENTO. **YouTube**. [S. l.: s. n.], 21 jun. 2020. 1 vídeo (5:53 min). Disponível em: https://youtu.be/NyV9Hj_niRo. Acesso em: 19 maio 2022.

CORNAGO, Óscar. ¿Qué es la teatralidad? Paradigmas estéticos de la Modernidad. **Telondéfondo** revista de teoría y crítica teatral. Buenos Aires, n. 1, ago. 2005, p. 1-14. Disponível em: <http://repositorio.filo.uba.ar/handle/filodigital/8671>. Acesso em: 17 maio 2022.

FONTES, Henrique. Ser ou não ser teatro. 13 de setembro de 2021. **Questão de Crítica** – revista eletrônica de críticas e estudos teatrais. Rio de Janeiro, vol. XIII, nº 72, setembro a novembro de 2021. Disponível em: <http://www.questaodecritica.com.br/2021/09/ser-ou-nao-ser-teatro/>. Acesso em: 23 maio 2022.

GRUPO Xama Teatro – Maranhão. **Xama na Rota dos Rios da Amazônia 2020**. [S. l.: s. n.], 13 maio 2021. Disponível em: <http://xamateatro.blogspot.com/2021/05/xama-na-rota-dos-rios-da-amazonia-2020.html>. Acesso em: 18 maio 2022.

GUERRA, Daniel. Só vale a pena o que pode dar errado. **Revista Barril**, Salvador, ed. 22, maio de 2021. Disponível em: <https://www.revistabarril.com/so-vale-a-pena-o-que-pode-dar-errado/?fbclid=IwAR2YwsL1vQxjgKSf8uYtOoBj7R5mtPmOCXCGd-gXPgsq7O-eDvotdmd6zQk>. Acesso em: 16 maio 2022.

MEDEIROS, Daniel. Apresentações online e editais emergenciais marcaram o ano de 2020 nas artes cênicas: Artistas pernambucanos enfrentaram dificuldades financeiras e recorreram aos editais de emergência durante a pandemia. **Folha de Pernambuco**. [S. l.], 24 dez. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/apresentacoes-online-e-editais-emergenciais-marcaram-o-ano-de-2020-nas/166477/>. Acesso em: 16 maio 2022.

PEDRO, Maurício. Peça online “Onde você estava quando acordei – um atentado virtual” volta em cartaz no mês de maio. **Nerd recomenda**: entretenimento e diversão chegam até você. [S. l.: s. n.], 16 abr. 2021. Disponível em: <https://nerdrecomenda.com.br/onde-voce-estava-quando-acordei/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PESSOA, Desirée. O teatro do futuro é virtual, aposta pesquisadora e encenadora. **GZH Espetáculos**. [S. l.: s. n.], 13 ago. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/espetaculos/noticia/2020/08/o-teatro-do-futuro-e-virtual-aposta-pesquisadora-e-encenadora-ckdt1voli003i013g7xgxdt70.html>. Acesso em: 17 maio 2022.

PMA. Prefeitura lança plataforma de streaming cultural "AjuPlay". **A8SE.COM**. [S. l.: s. n.], 17 mar. 2021. Disponível em: <https://a8se.com/noticias/entretenimento/prefeitura-lanca-plataforma-de-streaming-cultural-ajuplay/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

ROMANO, Olívia Camboim; BRAZIL, Marcelo Alves. Amantes em confinamento: A videochamada como dispositivo cênico. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**. Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1-25, 2021. DOI: 10.5965/1414573102412021e0122. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/20518>. Acesso em: 13 maio. 2022.

TEATRO, sujeito coletivo. **Revista E**. São Paulo: Sesc São Paulo, 16 fev. 2022. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/teatro-sujeito-coletivo/>. Acesso em: 23 maio 2022.

Submetido: 06/03/2022

Aceito: 07/12/2022